



Comissão
Europeia



Conta-me a floresta!

Capa e página 1: © desenho Jakub Roszak, 7 anos, Polónia, vencedor do concurso de 2013 de desenho sobre a floresta, da DG AGRI.

Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia, 2015

ISBN 978-92-79-45565-0

doi:10.2762/78763

© União Europeia

Reprodução autorizada mediante indicação da fonte

Printed in Belgium

Conta-me a floresta!



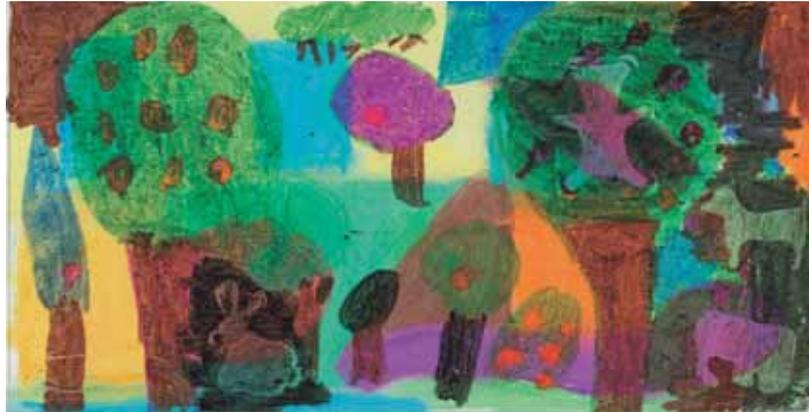
Viver em harmonia com a floresta

A floresta sempre alimentou a nossa imaginação, lendas, mitologias e culturas. Em todas as culturas europeias há uma relação simbólica entre a vida das árvores e a do ser humano. Esta antologia apresenta uma visão nova sobre essa relação, através de poesia e prosa de todos os Estados-Membros da União Europeia. Os textos são ilustrados por desenhos infantis que lhes conferem perspetivas únicas e coloridas, reveladoras da forma como as crianças veem a floresta e sobre o que esperam de nós.

Recebemos desenhos de mais de 9 000 crianças, de 22 Estados-Membros, que participaram num concurso intitulado «O que é para mim a floresta», organizado pela Direção-Geral da Agricultura e do Desenvolvimento Rural. Agradecemos a todas estas crianças da Europa por terem ajudado a Comissão Europeia a entender a perceção que têm da floresta e de como a vivem, contribuindo simultaneamente para a sensibilização sobre a sua enorme importância.

Os tipos de florestas naturais, coberto florestal e regimes de propriedade variam muito em toda a União Europeia. A floresta conta-se entre os recursos renováveis mais importantes da Europa e é uma das principais fontes de biodiversidade. Ajuda a regular o clima, é fonte de matérias-primas, de alimento e de vida selvagem e proporciona espaços de refúgio da vida citadina. Por outras palavras, oferece e protege uma vasta gama de recursos biológicos. A floresta é um recurso fundamental para melhorar a qualidade de vida e criar emprego, especialmente no espaço rural.

A Europa necessita da floresta para um futuro sustentável, e a floresta precisa do apoio da União Europeia, muito especialmente das crianças e dos jovens. Viver em harmonia com as árvores e a floresta é um aspeto importante da vida, e é necessário o contributo de todos para definir como usamos e tratamos este recurso espantoso e valioso para as gerações vindouras.



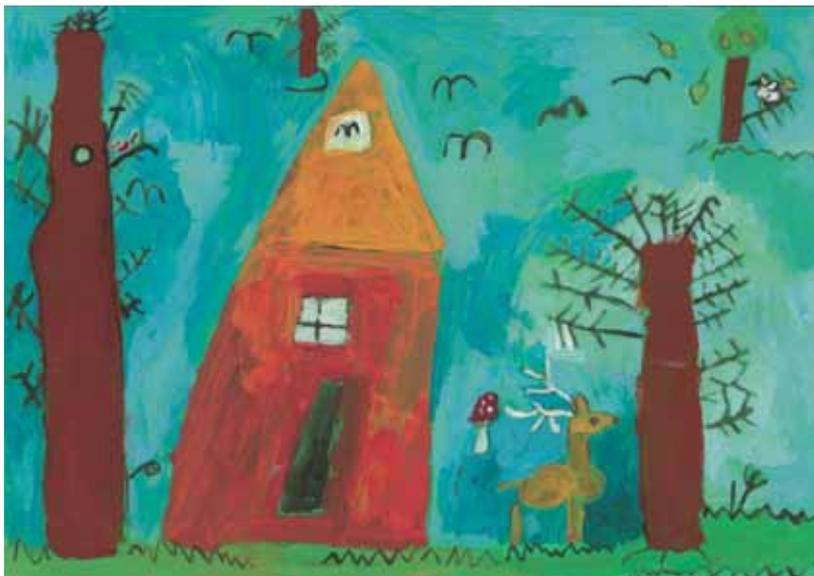
Hernán G., 7 anos.

A estratégia florestal da União Europeia identifica os princípios básicos de reforço da gestão sustentável das florestas, de aumento da competitividade e criação de emprego, sobretudo no espaço rural, garantindo simultaneamente a proteção da floresta e a prestação de serviços dos ecossistemas. A gestão sustentável da floresta significa a utilização, quer da floresta quer do espaço florestal, de uma forma e a um ritmo que salvaguarde a sua biodiversidade, produtividade, vitalidade e potencial de concretização, agora e no futuro, de importantes funções ecológicas, económicas e sociais, sem danificar outros ecossistemas.

Os textos que se seguem foram seleccionados com o apoio dos ministérios que tutelam a floresta nos Estados-Membros da União Europeia.



Para mais informações sobre as florestas europeias e a estratégia florestal da União Europeia, ver www.ec.europa.eu/agriculture/forest (apenas em inglês).



Damian T., 7 anos.

Conteúdo

Viver em harmonia com a floresta	2
Bélgica — «Uma árvore, uma vida...»	6
Bulgária — Sonhos de uma floresta	8
República Checa — O homem verde da floresta	10
Dinamarca — Larga e fresca é a floresta	12
Alemanha — A floresta na história da Alemanha: três visões	14
Estónia — A floresta estónia	16
Irlanda — Oh, que saudades da sombra e do aconchego das árvores!	18
Grécia — O mito de Erisícton	20
Espanha — «A um ulmeiro seco»	22
França — A educação sentimental	24
Croácia — O guarda-florestal	26
Itália — Novos contos de Roma antiga	28
Chipre — Árvores benfazejas	30
Letónia — Nas brasas	32
Lituânia — «À floresta»	34
Luxemburgo — Fitbull	36
Hungria — Querida floresta	38
Malta — A floresta	40
Países Baixos — Regresso à floresta	42
Áustria — A árvore	44
Polónia — Música da floresta virgem	46
Portugal — Vai lá longe, na floresta	48
Roménia — Revisitação	50
Eslovénia — A floresta	52
Eslováquia — Estando eu doente	54
Finlândia — A sementeira da floresta	56
Suécia — A alta sociedade e a floresta	58
Reino Unido — Coração de Midlothian	60
Florestas da União Europeia — Estatísticas	64

Bélgica

«Uma árvore, uma vida...»

A árvore era, para ela, fonte de harmonia.
 Nos passeios que dava, admirava a paisagem
 Centenas de árvores, todas diferentes umas das outras,
 Erguiam-se lado a lado
 Formando um conjunto maravilhoso.
 Este quadro fazia-a pensar na vida...
 A floresta e o mundo são parecidos
 Porque a diversidade os torna únicos e magníficos.

Ali estava ela, em frente daquela árvore
 Entre tantas outras,
 Mas era aquela que tinha escolhido.
 Era a Sua árvore,
 E prometera a si própria que ninguém
 lhe faria mal.
 Via cada vez mais homens
 Destruírem esta espantosa floresta ameaçada
 Pela estupidez, o egoísmo e a ignorância.

Cada um poderia pensar nisto,
 E sentar-se debaixo de uma árvore, da sua árvore,
 Meditar e pensar à luz que lhe atravessa
 os ramos,
 Na música do canto dos pássaros e do vento...
 Esta árvore era sua amiga.
 ...
 Aquela árvore era tão parecida com ela!
 Uma e outra ultrapassavam a vida e as suas dificuldades.
 Vira-a com todas as suas nervuras, cores,
 beleza.
 Quer fosse verão, primavera, inverno ou outono,
 Admirava-a e cada estação a embelezava.
 ...
 Uma árvore, é sagrada!
 Uma árvore, são as nossas raízes!
 Uma árvore, é o nosso futuro!
 Uma árvore, é o nosso oxigénio!

Do poema de Julie Degée,
 «Uma árvore, uma vida...», 2005

Com a graciosa autorização
 do Athénée Royal d'Esneux



Botond S., 9 anos.



Arianna G., 9 anos.

Bulgária

Sonhos de uma floresta

Xiu! Escuta! Está a chorar amargamente, a suspirar e a soluçar baixinho. Tenta esconder-se, envolta em nevoeiro, guarda dentro dela milhares de sombras. Coberta pelo mistério do vento da primavera, agita os seus milhões de braços. Abraça a Bulgária inteira. E as suas lágrimas, mais puras do que um sonho de criança, misturam-se com as neves de fevereiro.

Xiu! Escuta o silencioso pranto da floresta! A sua frieza dissipa-se num instante. Torna-se terna, leve, a fada boa da casa. Na primavera realizam-se os seus sonhos: volta a ser mãe. Em março, debaixo dos ramos, nascem campainhas, narcisos, loios-do-jardim. Cuidadosamente, cobre-os e protege-os. A floresta ama todos os seus filhos: lobos, raposas, lince, veados, lebres e todos os que vivem sob o seu abraço extremo.

Não sabe ser madrasta para nenhum deles. Só sabe ser mãe. E que poderia sonhar uma mãe? Quais os seus desejos? O seu único anseio é proteger os seus filhos. É esse o sonho da floresta. Quer proteger todos os escaravelhos, todos os pássaros, todos os seus rebentos. A floresta é fonte de frescura, vida e tranquilidade. Tem poderes inauditos. Protege a água que bebemos, purifica o ar que respiramos, retém a erosão e os desabamentos de terras.

Devíamos aprender a ouvir o pranto silencioso da floresta.
Talvez chore por causa de nós.



Natalia V., 9 anos.



Eva G., 8 anos.

República Checa

O homem verde da floresta

A floresta faz lembrar o mar. É larga, informe, as copas das árvores ondulantes como água agitada pelo vento. A paisagem do meu país, que fica longe do mar, sempre foi arborizada e as pessoas tiveram de reclamar terra à natureza para poderem cultivar o seu sustento e construir a sua casa. Reclamaram a terra à floresta. Em tempos idos, a floresta influenciou

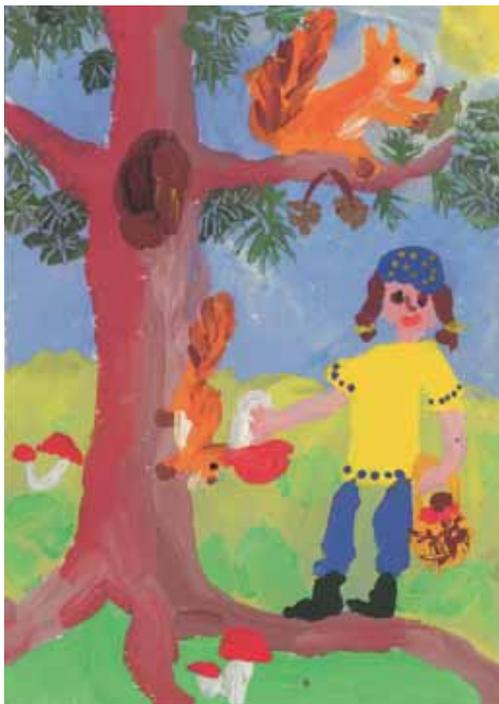
as pessoas a um ponto que hoje não podemos imaginar:

recearam-na, exploraram-na e colonizaram-na com muitos animais.

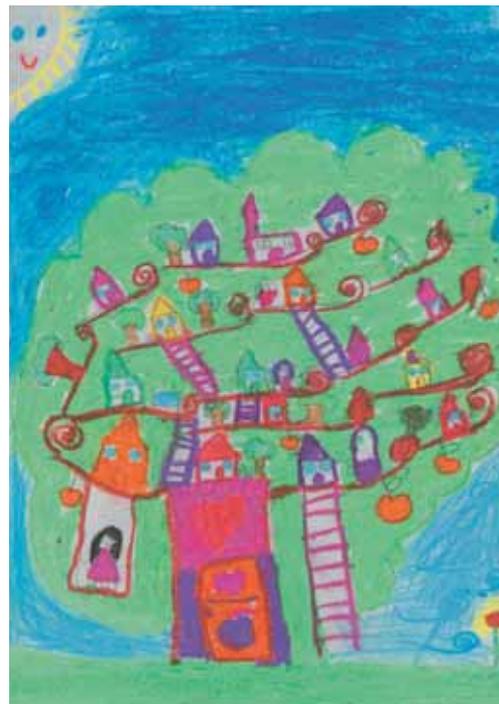
Por isso, é representada por um símbolo desde tempos imemoriais: nos edifícios góticos pode ver-se uma escultura em pedra que simboliza a floresta, ou seja, a figura de uma espécie de génio, o Homem Verde.

Vê-se apenas metade de toda a floresta, pois a outra metade está debaixo da terra.

A floresta está em mudança permanente. Não basta caminhar nela, temos de olhar à nossa volta e absorver — não sei como dizer isto — a respiração, a alma e a linguagem da floresta. Então, de repente, sentimos que a floresta nos abraça, que somos um só com ela, que nos compreendemos, que não é preciso dizermos nada, que podemos ficar em silêncio, pois nós e a floresta partilhamos o mesmo segredo.



Emilija P., 8 anos.



Mariana C., 7 anos.

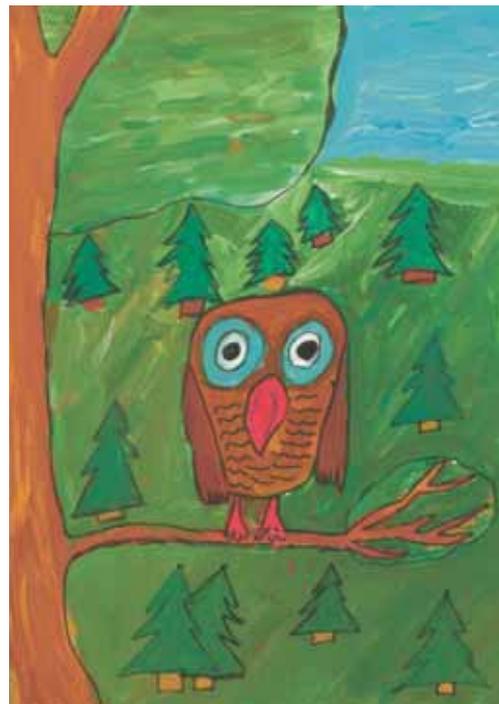
Dinamarca

Larga e fresca é a floresta

Larga e fresca é a floresta
Cu-cu!
Entre o morango e a anémoma
Cu-cu!
Laços naquele tronco gravámos,
Onde, ao luar, nos beijámos,
Cu-cu! Tra-la-la! Cu-cu!
Passeios belos à lua,
Cu-cu!
Passeios na floresta ao sol,
Cu-cu!
O cantar do cuco conta
Conta os beijos, anos conta,
Cu-cu! Tra-la-la! Cu-cu!
Não deixes que a vida te prenda,
Cu-cu!
Lembra-te! Só se é novo uma vez.
Cu-cu!
Cresce a anémoma e o morango,
E o cuco sabe onde e quando.
Cu-cu! Tra-la-la! Cu-cu!



Aleksas S., 9 anos.



Úla I., 10 anos.

Alemanha

A floresta na história da Alemanha: três visões

1713 — Livro da Saxónia muda o mundo

«Sylvicultura oeconomica» é o título de uma volumosa publicação em que Hans Carl von Carlowitz resume, pela primeira vez, os conhecimentos da época sobre a floresta. Dado abaterem-se muito mais árvores do que as que podem renascer, ocorreu-lhe a ideia da necessidade de preservar a natureza, pois só assim é possível conservá-la para as gerações vindouras. Este continua a ser ainda hoje o princípio da sustentabilidade.

1812 — Alemanha mítica: com a floresta na alma

Os irmãos Grimm publicam o primeiro volume dos «Contos tradicionais infantis». No total, reuniram mais de 200 contos. A floresta é neles o cenário mais importante. Sem ela, os contos e lendas não teriam casa.

1949 — A semeadora de carvalhos: uma estátua por 50 pfennig

Gerda Werner posa como modelo no ateliê do seu marido, escultor. Está a decorrer um concurso para o motivo da moeda de 50 *pfennig*, que representa a reconstrução da Alemanha. Werner concebe a imagem de uma jovem ajoelhada a plantar um pequeno carvalho e assim ganha o concurso. A moeda da semeadora de carvalhos manteve-se em circulação durante mais de 50 anos e lembra-nos as mulheres que contribuíram para a reflorestação de áreas devastadas.



Gusté R., 7 anos.



Rusnê M., 7 anos.

Estónia

A floresta estónia

A floresta é o nosso lar
O mais seguro lugar
Nela encontramos abrigo
A salvo de qualquer perigo.

Sob os pinheiros à beira-mar
Montamos a nossa tenda
A satisfação no ar
O seu perfume a melhor prenda

O silêncio da floresta
É mais calado que o mudo
Nela brincamos em festa
Dá-nos madeira, casa, um mundo.

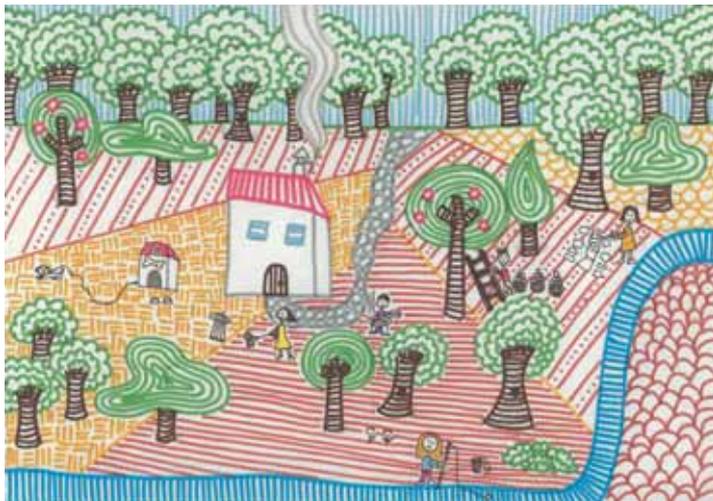
Os caminhos da floresta
Vivem na nossa memória
Esquiar neles é uma festa
A neve branca é uma glória.

Para descansar de labutas
A floresta não tem par
Fritar cogumelos bravos
Disfrutar, colher, apanhar.

Espera-nos o vapor da sauna
Depois da grande caminhada
E como vamos aquecê-la?
Com madeira nela apanhada.

Nela apanhamos arandos
Para doce-de-chorar-por-mais
E muitas ervas da floresta
Para curar os nossos ais

Com as árvores da floresta
Erigimos a nossa casa
Precisamos da floresta, e mesmo longe
O pensamento não a larga.



Maria S., 8 anos.



Viktória P., 8 anos.

Irlanda

Oh, que saudades da sombra e do aconchego das árvores!

Há muito, muito tempo, a Irlanda estava completamente coberta de árvores e florestas. E sabe-se que os seus habitantes eram grandes conhecedores da floresta. Um dos indícios disto mesmo é a familiaridade de espírito que tinham com as árvores, o facto de o alfabeto «ogam» se basear no nome das plantas («ogam» era o sistema de escrita utilizado pelos irlandeses antes da chegada do alfabeto romano):

*A (ailm) pinheiro-de-riga, B (beith) bétula, C (coll) avelãzeira,
D (dair) carvalho, E (eabhadh) choupo,
F (feam) amieiro, G (gart) hera, I (íodha) teixo,
L (luis) sorveira, M (muin) espinheiro, N (nion) freixo,
O (air) tojo, P (peith) sabugueiro anão, R (ruis) sabugueiro,
S (sail) salgueiro, T (teithne) noveleiro, U (ur) torga.*

Havia uma grande temura pelas árvores e muitos foram os santos padroeiros da floresta. É talvez a São Kevin que Glendalough deve o seu estado original (continua a ser um belo santuário arborizado), pois foi ele que proibiu que se abatessem ou destruíssem árvores:

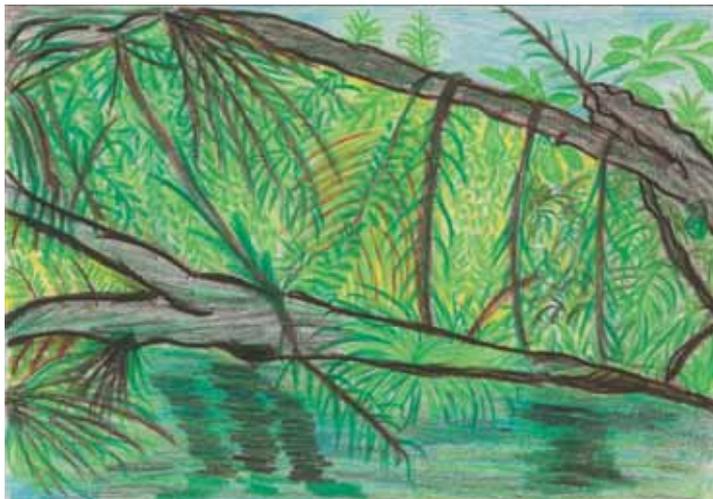
«Kevin prometeu vida curta, seguida do inferno eterno, a quem queimasse madeira verde ou apodrecida daquela floresta.»

Todavia, com o passar do tempo, foram-se cortando árvores. A partir do século XVII, o seu ritmo acelerou-se. Pensa-se que o poema *Cill Chais* tenha sido escrito no início do século XIX:

*O que faremos agora sem madeira?
Abateu-se a última floresta...*

Embora as florestas tenham desaparecido e a paisagem irlandesa seja hoje uma paisagem despida, a toponímia testemunha a sua existência e permite que sobrevivam na nossa memória. São disto exemplo, nas quatro províncias:

«Bosque Desbastado» (An Chreatalach), «Planície da Árvore Sagrada» (Magh Bhíle), «Monte do Freixo» (Cabán an Chaorthainn), «Carvalhal» (Doire), «Teixo de Cima» (Iúr Chinn Trá), «Vau do Freixo» (Áth na Fuinseoige), «Planície do Azevinho» (Maigh Cuilinn), «Bosque do Gado» (Coillte Mach), «Vila do Vau do Sabugueiro» (Baile Átha Troim), «Igreja de Arandos» (Cill Airne), «Estrada dos Carvalhinhos» (Bealach an Dóirín), «Terra do Teixo» (Tír an Iúir), «Partilha do Sabugueiro» (Meathas Troim), «Cobertura de Hera» (Eidhneach), «Boca do Vau da Bétula» (Béal Átha Beithe), «Montinho do Medronheiro» (Ard na Caihne), «Floresta Alta» (Fíodh Ard), «Rio do Carvalho Negro» (Abhainn na Daraí Duibhe), «Serra da Faia» (Sliabh Feá), «Igreja do Carvalho» (Cill Dara), «Prado do Salgueiro» (Cluain Saileach), «Cume da Tramaga» (Droim Caorthainn).



Ilham T., 10 anos.



José F., 8 anos.

Grécia

O mito de Erisícton

Erisícton, rei da Tessália, tinha-se tornado famoso pela transgressão, a arrogância e a ganância. Querendo construir um palácio grandioso, decidiu mandar cortar madeira de uma floresta próxima. Começou, pois, a abater irracionalmente as árvores da floresta. Os seus súbditos, vendo os estragos devidos ao seu esbanjamento, tentaram dissuadi-lo do abate injustificado de tantas árvores, exprimindo-lhe o receio de que desencadeasse sobre si a cólera de Deméter, deusa da agricultura.

Erisícton ignorou estes avisos, proferindo palavras duras não só contra as árvores, mas também contra a deusa. Deméter exaltou-se a tal ponto que decidiu castigá-lo, exortando Limos, deus da fome, a fazê-lo sofrer deste mal. E assim aconteceu.

Erisícton começou a sofrer, sem poder saciar a fome de modo nenhum, por muito que comesse. Simultaneamente, começou a perder toda a sua riqueza, que lhe permitia ter dinheiro para comprar comida. Por fim, viu-se obrigado a vender o palácio, os escravos e a sua filha única, dotada de grande beleza. Por último, Erisícton, afligido pela fome, comeu a sua própria carne e assim morreu, sem ter conseguido saciar-se.

Conclusão:

Este mito simboliza a voracidade e a exploração irracional dos recursos naturais pelo homem moderno, que consome sem medida, acima das suas necessidades fisiológicas, despojando os jovens de futuro e acabando por conduzir à devastação.



Francesca M., 4 anos.



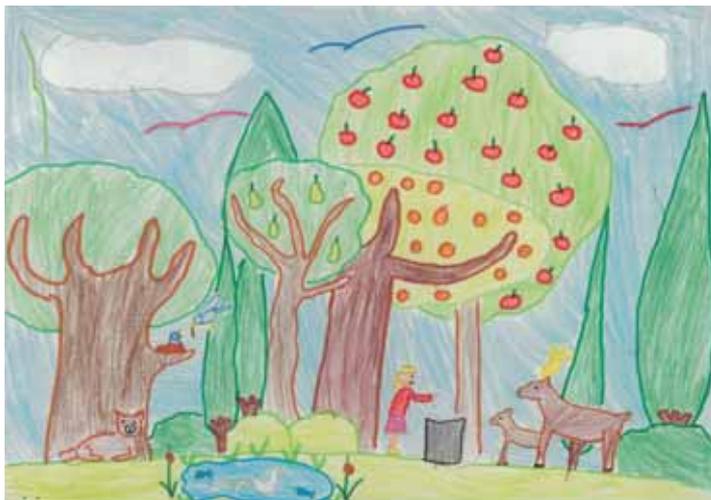
Natalia F., 6 anos.

Espanha

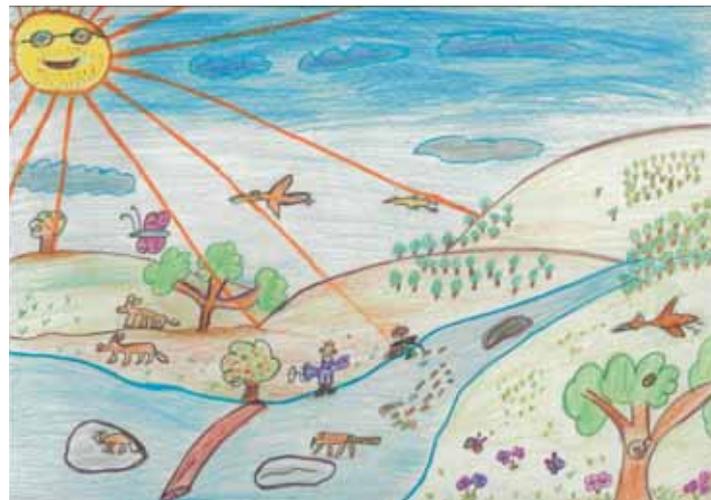
«*A um ulmeiro seco*»

Ao ulmeiro velho, fendido pelo raio
e meio apodrecido,
com as chuvas de abril e o sol de maio
algumas folhas verdes lhe têm saído.

O ulmeiro centenário no outeiro
que lambe o Douro! Um musgo amarelento
mancha-lhe a pele no branqueio
do tronco carcomido e polvorento.
Não será, tal os álamos cantores
que guardam o caminho e a ribeira,
habitado por pardos cantadores.
Exército de formigas em fileira
por ele vai trepando, e dentro, nas entranhas
urdem teias cinzas as aranhas.
Antes que te derrube, do Douro ulmeiro,
com seu machado o lenhador, e o carpinteiro
em cabeçalho de sino te converta,
ou eixo de carro ou cadeias de carreta;
antes que amanhã, no lar rubor,
sejas em mísera choupana mero ardor,
à beira do caminho;
antes que te arranque um torvelinho
e quebre o sopro das serras brancas;
antes que o rio até ao mar te empurre
por vales e barrancas,
ulmeiro, quero anotar no meu caderno
a graça da tua rama enverdecida.
O meu coração espera
também, em torno à luz e em torno à vida,
outro milagre da primavera.



Fina E., 9 anos.



Rui V., 7 anos.

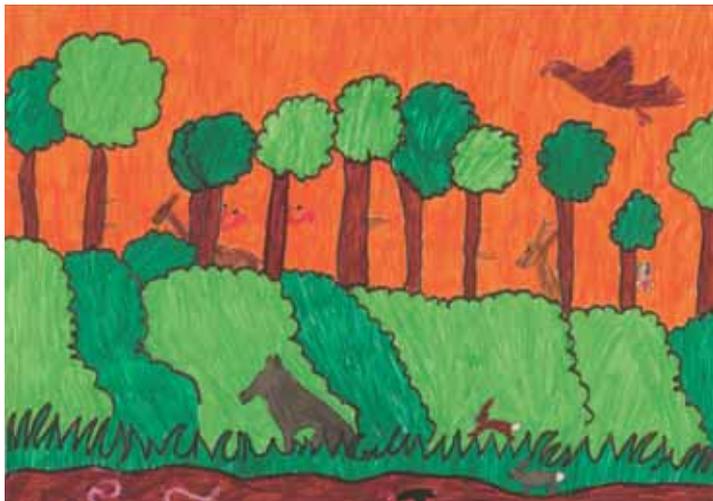
França

A educação sentimental

«A luz, em certos pontos iluminando a orla da floresta, deixando o fundo na sombra; ou então, atenuada em primeiro plano por uma espécie de crepúsculo, à distância projetava vapores violeta, uma claridade branca. A meio do dia, o sol, caindo a pique na verdura imensa, fazia-a transpirar, suspendia gotas prateadas na ponta dos ramos, raiava a relva de réstias de esmeraldas, lançava manchas de ouro nas camadas de folhas mortas; inclinando a cabeça para trás, vislumbrava-se o céu, entre as copas das árvores.

Esta multidão de linhas verticais grossas entreabria-se. Então, era um desenrolar de enormes ondas verdes, em gibosidades desiguais até à tona dos vales onde surgia a crista de outras colinas dominando planícies douradas, que acabavam por se perder numa palidez indecisa.

De pé, lado a lado, num montículo do chão, sentiam, ao aspirar o vento, entrar-lhes pela alma como que o brio de uma vida mais livre, com um excesso de forças, uma alegria sem motivo.»



Violet B., 8 anos.

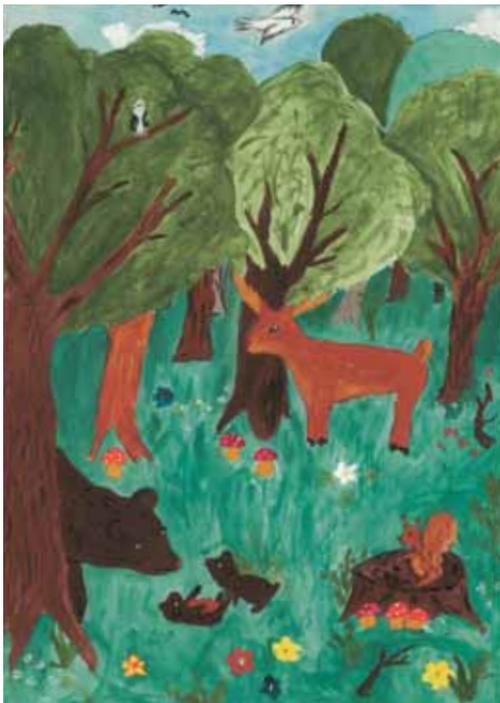


Maciej S., 3 anos.

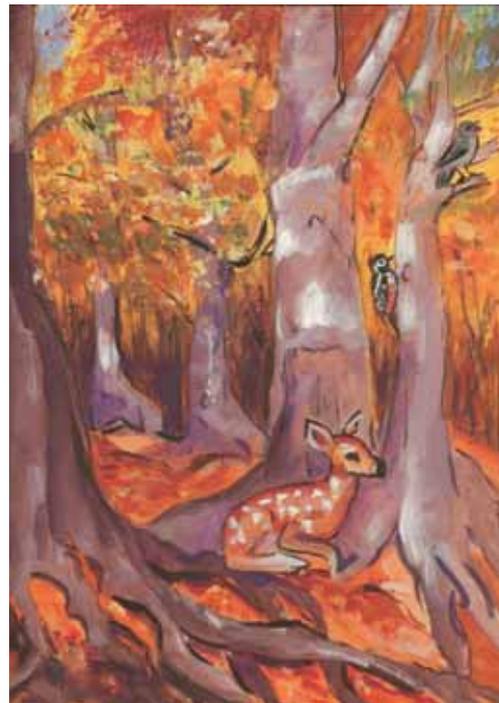
Croácia

O guarda-florestal

O guarda-florestal
Da floresta sempre a par,
Nela trabalha,
É ela o seu lar.
O guarda-florestal
De verde vestido,
Verde o seu sonhar.
Basta um silvo
Com os seus dedos,
Para que as aves
Voem sem medo.
Sem descanso percorre
As veredas sem fim
Para ver se está tudo bem:
As árvores estão alinhadas?
Os pássaros no seu lugar?
Os veados de boa saúde?
Chega o inverno e na floresta
O guarda-florestal é o único de verde.



Jacob C., 10 anos.



Liliana N., 10 anos.

Itália

Novos contos de Roma antiga

As sete colinas da fundação de Roma podiam distinguir-se pelas árvores que lá cresciam e que muitas vezes lhes davam o nome. No Aventino crescera um bosque de loureiros, cuja memória perdurou até ao final do Império Romano em ruas chamadas «*Lauretum Maius*» e «*Lauretum Minus*». Diz-se que o vale entre o Aventino e o Palatino recebeu o nome de *Murtia*, pela murta que crescia à volta do altar de *Venus Murtea*. À sua semelhança, o Celio chamou-se *Querquetulanus*, pelos carvalhais (*Quercus*, em latim), e o monte Oppio, *Fagutalis*, pelas matas de faias (*Fagus sylvatica*, em latim) ...

Dada a natureza arborizada dos terrenos em que Roma foi construída, não é de admirar que Fauno fosse um dos primeiros deuses objeto de culto, pois os antigos romanos acreditavam ouvir-lhe a voz misteriosa, vinda das profundezas da floresta com avisos proféticos.

Havia igualmente a tradição do culto de *Bona Dea* (*Deusa Boa*), a noiva mítica de Fauno, chamada Fauna.

Todavia, o protetor especial das árvores e dos bosques, sobretudo de pinheiros e ciprestes, era Silvano; daí a sua alcunha de Silvano, o *Dendrophorus*, ou seja, o «portador de árvores».



Ágnes F., 10 anos.



Elena G., 8 anos.

Chipre

Árvores benfazejas

Queres ver lugar bonito, de surpresa a cada passo?
Vai campos fora, sobe às serras, prende o olhar nesse espaço.
E onde quer que vejas árvores, aproxima-te pertinho
A terra é bela, verás, entenderás no caminho.

E se o que queres é ar puro e perfumado,
Deixa a beira-mar de lado, mais vale ficares por ali,
Vai floresta adentro, ver cada rebento,
E respirar o ar puro que as árvores perfumam p'ra ti.

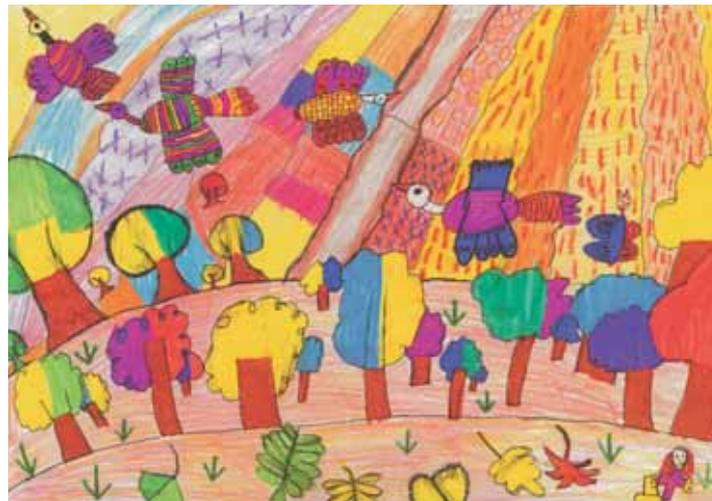
E se te achares doente um dia, para teu bem,
Não procures médico nem mais ninguém.
Melhor do que a morte às suas mãos arriscar,
É ires para entre as árvores uma semana passar.

Que bem nos fazem? Quanto nos dão?
Verdor, frescura e perfume quando em flor,
madeira e frutos. Qual deles
o menor? Copas ou ramos, que
cortamos para as coroas da vitória?
Parece até que a chuva chamam também, seja lá de onde ela vem.

Feliz aquele que na sua terra árvores tem,
Como o pai e a mãe de filhos aplicados,
Quem no seu quinhão árvores planta
Conforto encontra e vida sem cuidados.



Ugnė M., 6 anos.



Amanda M., 10 anos.

Letónia

Nas brasas

A verdade é que adoro apanhar cogumelos, sempre adorei, desde miúdo. Apanhar cogumelos no bosque, quero eu dizer. Nada de mal-entendidos, também gosto de os apanhar na floresta, mas nesse caso vou sempre com alguém, porque me perco assim que me vejo rodeado por um pouco mais de árvores.

Quando era pequeno, costumava ir em grandes excursões apanhar cogumelos. Partíamos em duas grandes carroças puxadas por cavalos. Praticamente todos os habitantes da casa Rimeņi iam sentados naquelas carroças. Todos levavam o seu cesto, de todos os tamanhos e feitios. Já não sei se era a minha mãe ou o meu pai que nos diziam que era a altura de irmos ao bosque, mas era sempre uma festa. Depois disso, havia uma grande variedade de cogumelos para salgar ou secar. Foi nestas excursões que aprendi a distinguir os cogumelos comestíveis dos que não se podem comer.

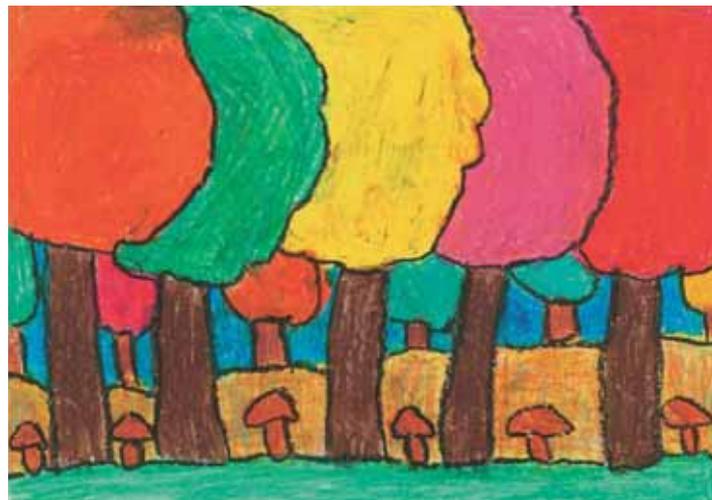
Não longe dos edifícios da quinta havia uma colina chamada «Monte das Batatas» ou «Monte dos Cepes»; chamávamos-lhe «Monte das Batatas» porque era lá que as guardávamos, enterradas na areia, e «Monte dos Cepes» porque era lá que, entre o arvoredo, a partir do início do verão e até ao adiantado do outono, de vez em quando, apareciam cepes-de-bordéus. A minha mãe costumava desafiar-me com um «E se fosses aos cogumelos? Lindo menino!»

E lá ia eu até à colina, tirava do bolso o canivete que me tinham dado de presente e punha-me a apanhar cepes, grandes e pequenos.

Quando o lume estava bem feito, a minha mãe punha os cogumelos num grelhador especial com uma grande base de metal. Era preciso mexer o grelhador quando estava em cima das brasas. Quando os cogumelos estavam quase prontos, raspavam-se os pedacitos queimados. Depois punham-se num prato. Por fim, envolviam-se em natas e salpicavam-se de sal. Que delicioso pitéu!



Dominika P., 9 anos.



Ilona W., 7 anos.

Lituânia

«À floresta»

Que restolhe a floresta, murmurante,

Irmã verdejante!

Vamos todos

Dar-lhe

Uma mão,

Novos

E velhos

Prezar a floresta é um dever.

E a floresta a estremecer,

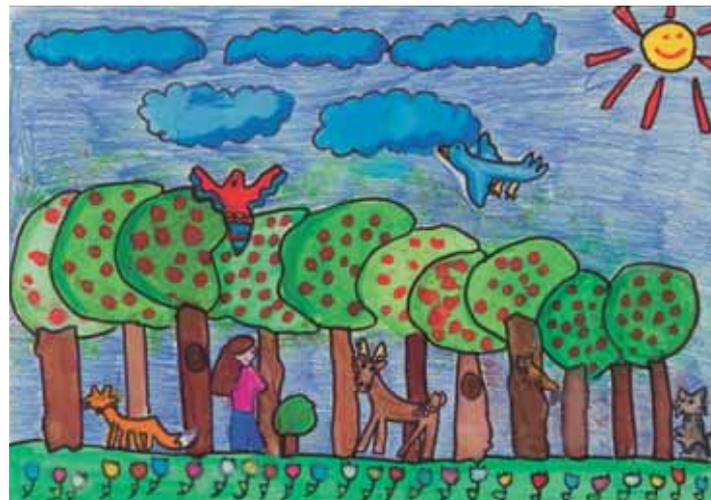
A cera amarela das flores a embalsamar o ar.

Amem a floresta!

Só isto. Amar.



Hanien W., 6 anos.



Maria M., 7 anos.

Luxemburgo

*Fitbull**

Faixas, carvalhos, anões vermelhos a brilhar ao lado das vedações. *Grita para a floresta. E o que é que hei de gritar? Grita o teu nome. Steve. Grita mais alto! Steeeeee! Fletir, fletir. Não ouves? Não. Prá frente. É o eco. Prá frente, toca a andar prá frente. O que é o eco, pai? Carreiros, caminhos, luz verde, sombra verde: o percurso de corrida está bem assinalado. Anda, vamos, vamos! Estou cansado. O quê? Já? Mas só tens doze anos. Mantém-te em forma, um, dois, um, dois, à volta da árvore. Quiseste vir comigo. Tenho sede, pai! Respira fundo, sua um bocadinho, já agora. Quero uma coca-cola, pai! Exercita a barriga, contrai as ancas...não fiques parado! Agora, vamos! Corre, como numa bebedeira de sono, deixa correr...Que maravilha! Pai, tenho fome! Prá frente, toca a andar prá frente! Doem-me os pés. Para de choramingar! Não posso mais, pai! De repente: o que é que a porcaria do pitbull está a fazer no percurso de corrida? Por que é que está a olhar para nós? Os seus olhos minúsculos e penetrantes não se mexem. Nem nós. Ouve-se um assobio: Vens? Como um relâmpago. Foi-se o nó apertado. Para a frente, agora, devagarinho, com muito cuidado. Muito mais devagar. Estás a ver, pai? Afinal sempre fizeste um intervalo.*

Jean Back (1953-)

* Jogo de palavras com a raça canina «pitbull». «Fit» significa «em forma» e «bull» pode significar, neste contexto, «perseguir, atormentar»; a tradução literal poderia ser: «Touro em forma» (NT).



Eszter M., 9 anos.



Dimas S., 8 anos.

Hungria

Querida floresta

Amo das árvores o sussurro
No teu mundo de sombra escuro.
Na dor e na inquietação,
Os meus segredos teus são.
Do meu coração segredos e anseios
Das ervas são, das árvores os veios.
Tem compaixão, floresta generosa,
Abriga os tristes, dá-lhes calma frondosa.

Amo a sombra das árvores escuras,
Ao sol abrasador sem dó.
E se a maldade traz penas duras,
É em ti, floresta, que não estou só.
Guerra, de multidões o rumor
Calados pela sinfonia da solidão em clamor;
Meus olhos no sossego cegos
Miram céus azuis de aconchego.

Teus braços na onda do vento,
Me envolvem quando quero estar só.
As árvores são traquinas,
Em partes e artes contra a tristeza sem dó.
Coitado do triste, tal morto em vida,
Que por tal folia se não deixa apanhar.
Não te amar, floresta querida,
É não ter sofrido, não saber cantar.



Ana G., 2 anos.

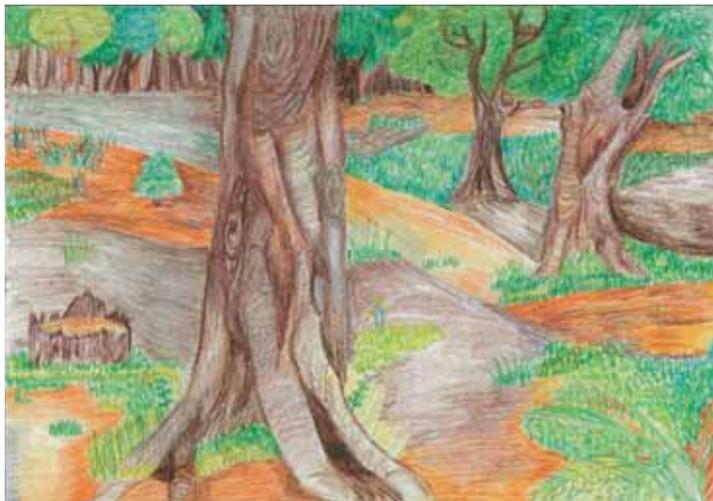


Levente S., 6 anos.

Malta

A floresta

A floresta deu-me a volta à cabeça...
o seu canto entranhou-se-me na pele
como a brisa de verão se escapa entre as árvores.
Se cortasse uma veia, não seria de admirar
que as gotas de sangue fossem verdes.



Martina P., 8 anos.



Goda D., 8 anos.

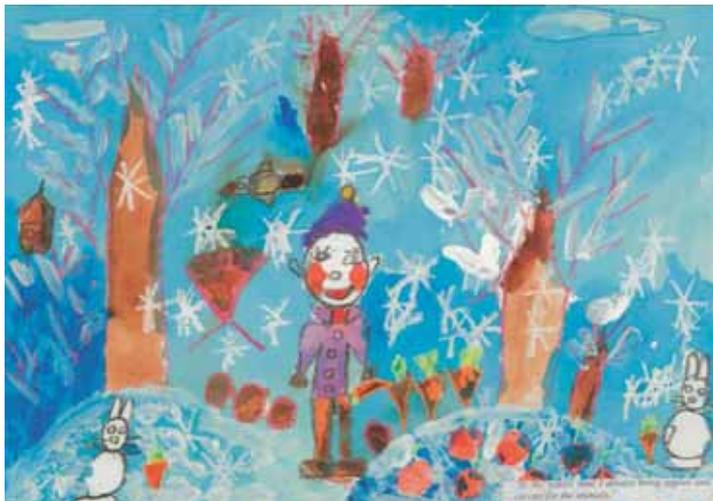
Países Baixos

Regresso à floresta

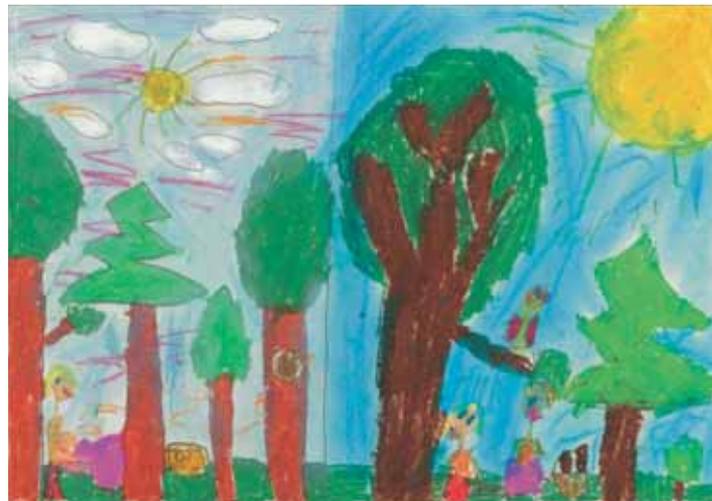
Lembram-se de estar numa floresta pela primeira vez? Eu não, mas tenho uma vaga ideia de uma coisa parecida com a primeira memória de uma floresta. Antes disso, devo lá ter brincado centenas de vezes sem dar por isso. Houve uma altura em que o filme da infância de aventuras intermináveis na floresta acabou e eu senti-me como se fosse inseparável da vida à minha volta, da floresta. A floresta era eu. Depois disso, tudo continuou a correr normalmente: a construir cabanas, a agarrar a bandeira do outro lado, a construir barragens no rio...

É estranho como nos podemos esquecer disto. Vamos para a escola e arranjam trabalho (finalmente), temos um ordenado que nos permite ir visitar as florestas da Ásia. Mas, embora de olhos virados para sítios tão longínquos, sabemos que não precisamos de viajar para viver as maravilhas da natureza. Basta ter o espírito aberto e as florestas neerlandesas tornam-se (de novo) uma aventura. O conservador da natureza americano, John Muir, afirmou: «Quando tentamos agarrar uma coisa isolada, descobrimos que está presa a tudo o resto que há no universo.»
É isto mesmo!

Seja como for, adoro ir passear para as florestas onde costumava brincar. No despertar da primavera, por exemplo. Afinal de contas, haverá coisa mais bonita do que uma encosta cheia de anémonas bravas em flor?



Aida S., 7 anos.



Natalia D., 7 anos.

Áustria

A árvore

Caio no chão, nova semente,
Ainda não tenho nome, infelizmente.
Serei talvez espruce que germina.
Tu também gostas de poemas com rima?

Em breve serei uma plantinha sabida,
Por espruce, pinheiro ou abeto conhecida.
Vou ter agulhas, folhas e pinhões.
Estar ao relento em todas as estações.

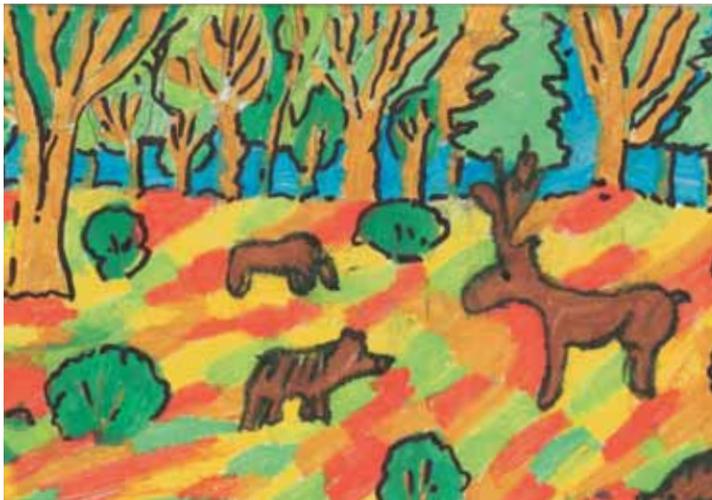
Serei árvore com a idade.
Não é um sonho, é a verdade.
Vou mesmo influenciar o clima.
Não é o máximo, ainda por cima?

Quando crescer vou dar madeira.
Sinto-me mesmo à maneira!
Tornar-me mesa, cadeira ou cama.
Um orgulho para a minha rama.

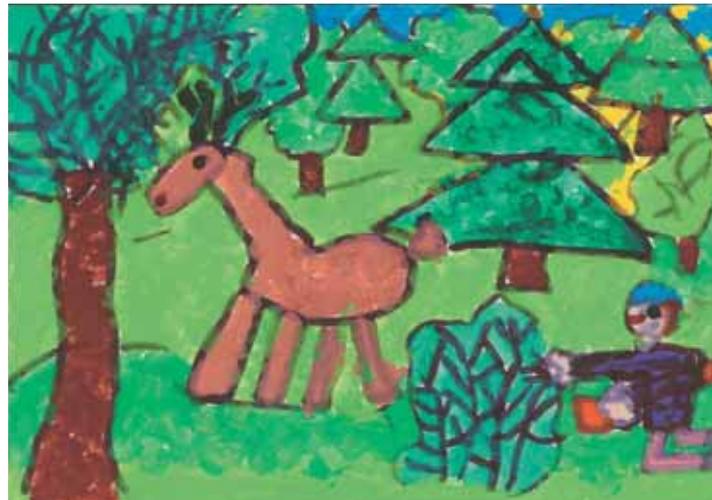
A sombra dos ramos farfalhudos
Dá calma e paz a miúdos e graúdos.
Sou a sala de estar de muito bicho,
Que em muitas árvores tem o seu nicho.

Para ainda a boa gente servir
Que a terra deslize quero impedir.
Seja qual for a estação
Para servir quero estar sempre à mão!

Resumindo: a floresta é um festim
E assim chegamos ao fim!



Veronika P., 9 anos.



Natalia K., 6 anos.

Polónia

Música da floresta virgem

Pianissimo

Brilham débeis os primeiros raios de sol
 Entre as folhas arrepiadas no frio da manhã
 Vão cocegar a erva brilhante de orvalho
 Enquanto vão subindo da noite
 Um escaravelho equilibra-se na casca de um carvalho
 Um caracol espregia ensonado e afoito

Piano

O pássaro que desperta chilreia e bate as asas
 Algures lá no alto do dossel do céu
 Ao esquilo assustado escapa-se a noz entre as patas
 Rezinga agastado por perder o pitéu
 O pinheiro despenteado arrepia-se
 Lançando ao mundo sementes das suas pinhas maduras
 Treme o coração da lebre, ao partir do ramo seco

Mezzoforte

Soou então a melodia do papa-figos, desperta
 Lançando a sinfonia de aves pequenas e grandes
 O bufo clamou «Uh-uh!» e logo dormiu como dantes
 O cuco manteve-se alerta

Forte

O pica-pau atacou ritmado e decidido
 Com a precisão de um bom cirurgião
 O seu bico como uma tarola
 Martela o tempo para o coro matinal da passarada
 O vento tocou um longo *glissando*
 Assobiando e dançando entre os ramos
 O bisonte esfregou-se altivo contra um tronco
 e abanou a cabeça em advertência

Fortissimo uma voz de baixo qual trovão ao longe troou

Subiu o troar ao céu,
 Rebentou,
 E na floresta o eco foi um manto
 E todo o céu estremeceu

E depois, oh! espanto, o silêncio de novo venceu

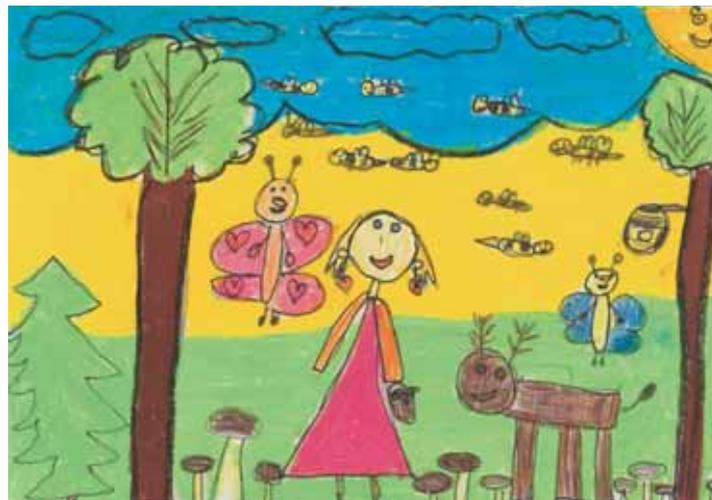
Autor: Maciej Henryk Modzelewski

Participação no Sétimo Concurso Literário
 Nacional da Polónia
 «Floresta, meu amor»

Terceiro prémio para um conjunto de dois
 poemas na categoria crianças e jovens
 de 12-15 anos.



Jan Z., 9 anos.



Wiktorja J., 6 anos.

Portugal

Vai lá longe, na floresta

Vai lá longe, na floresta,
Um som de sons a passar,
Como de gnomos em festa
Que não consegue durar...

É um som vago e distinto.
Parece que entre o arvoredado
Quando seu rumor é extinto
Nasce outro som em segredo.

Ilusão ou circunstância?
Nada? Quanto atesta, e o que há
Num som, é só distância
Ou o que nunca haverá.



Márta S., 7 anos.



Lóránt P., 8 anos.

Roménia

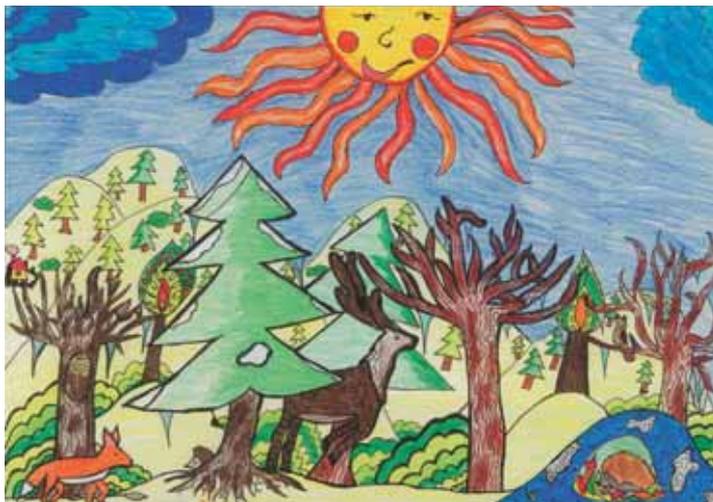
Revisitação

*Floresta, diz-me floresta,
Quanto tempo não passou!
Entre nós erguem-se os anos
E os passos que eu gastei.*

*Ah, tempo é nada
Quando nos meus lagos escuros as estrelas brilham,
E em dias de cor como de alvura
O sopro do vento e a canção das folhas
À minha volta rodopiam,
E as horas sem conta vêm e vão
Como as marés do Danúbio no meu chão.
Assim se diz: a mudança é coisa de homens
Perdidos nas veredas tristes que a terra cruzam
Enquanto nós aqui inamovíveis
Agora e sempre:
O mar com seus rios
O mundo com seus mundos bravios
O sol e a lua
A floresta e suas nascentes.*

*Eu passo daqui não dei
Soaram invernos bravos
Ramos quebrados, rios agitados,
Enterrados na neve os caminhos
E os pássaros nas árvores calados;
Nunca mudei
Quando nas minhas nascentes
O cante estival trinou
Nos lábios das raparigas
Que a água os cântaros enchia.*

*Floresta, diz-me floresta,
Impregnada de correntes paradas
Correu o tempo lá fora
E só tu rejuvenesces.*



Fanni V., 8 anos.



Mila M., 6 anos.

Eslovénia

A floresta

Viçosa, frondosa,
Verde e renascente.
É o meu lar.

Vereda fora, as árvores a mostrar o caminho,
Sinto o paraíso em brincadeira sem tino.

Flores perfumadas,
Ribeiras encantadas,
Estou em minha casa.

Sobre o serrim, cabelo ao vento,
Liberdade nos olhos, cheio o pensamento.

Os pássaros dão-me as boas-vindas.

Anunciam as campainhas:

«Sim, é mesmo aqui!»

É aqui o lugar que eu sempre quis,
Regalo da natureza para ser feliz.



Skaistē D., 6 anos.



Julija J., 6 anos.

Eslováquia

Estando eu doente

Largas florestas, sombrias
Nas margens do Váh plantadas,
De cores mil, quentes e frias
Pela neve cristalizadas!

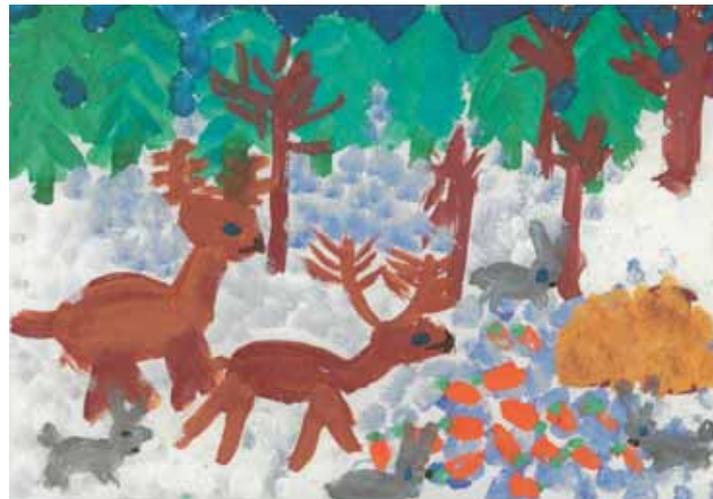
Foi-se do incêndio o brilho
Nas encostas de lés a lés,
Foram-se os cavalos do trilho,
Ficou só floresta a meus pés.

Mas a primavera não tarda,
Maio quer-te abraçar,
E à medida que a neve cardas,
Suspiram perfumes no ar.

Então, e só então, se for vivo
No teu seio irei descansar.
Soltar meus anseios cativos
E docemente cantar!



Cintia S., 9 anos.

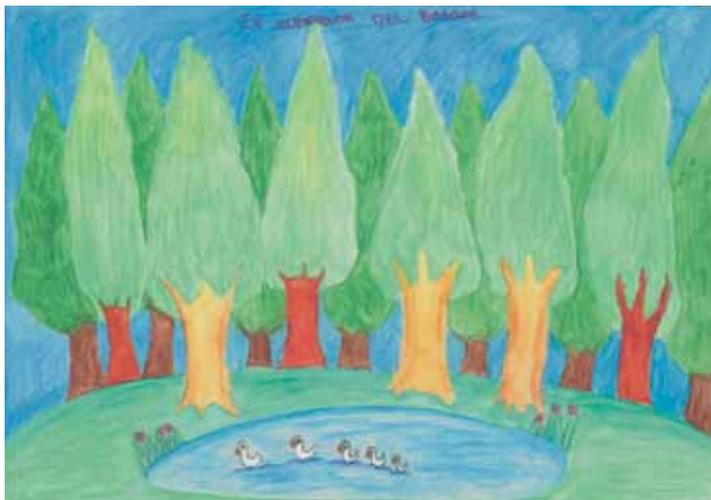


Richardas P., 6 anos.

Finlândia

A sementeira da floresta

Ergueu-se então o velho Wainamoinen,
De pés na ilha fincados,
Ilha que o oceano afagava,
Vasta aberta e sem verdura;
De finca-pé passaram estios,
Por ele passaram os frios,
Na ilha imensa e vazia,
Que faria, que faria,
Quem a ilha lhe plantasse,
Quem a semente espalhasse;
Lembrou-se então de Pellerwoinen.
Nas terras planas nascido,
Seu nome Sampsá, franzino,
A ilha vazia semearia,
Da floresta a semente ao vento.
Pellerwoinen, consentindo,
Diligente lançou a semente,
Sementes na ilha inteira,
Semente em charco e terra chã,
Semente de floresta em terra vã,
De bolota em terra dura,
Semente de abeto em altura,
Também pinheiros lá na serra,
Muitos arbustos pela terra,
E a bétula no pantanal;
Em terra leve amieiro,
Tília em terra rasa,
Em terra húmida salgueiro,
Sorveira em terra casta,
Na margem dos rios o espinheiro,
E nos montes genebreiro;
Assim trabalhou Pellerwoinen,
O Sampsá franzino, em pequenino.
Em breve as sementes férteis rebentaram,
E as árvores da floresta medraram,
Depressa as copas dos abetos assomaram,
E os pinheiros se espreguiçaram;
Bétulas saídas dos atoleiros,
Na terra solta cresciam os amieiros,
A tília na terra macia;
Também vingado o genebreiro,
Com cachos de bagas o genebreiro,
Bagas nos ramos do espinheiro.



Ana S., 10 anos.



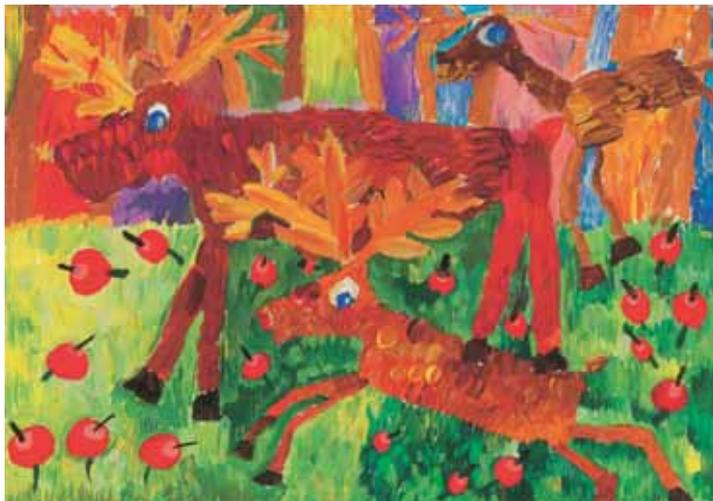
Rasa O., 7 anos.

Suécia

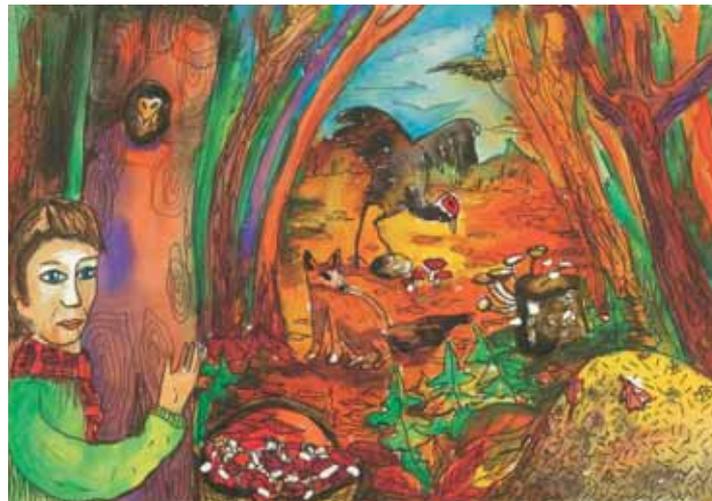
A alta sociedade e a floresta

Mundo turbulento, mortificação!
Onde encontrar sossego? Ai vaguear.
Nem para tudo o que procura o coração
Nem tu nem outros me podem ajudar.

Pudesse na floresta divagar,
Com a brisa noturna nas folhas sussurrante,
E no silêncio dos pensamentos escutar
Sobre o bulício das árvores murmurantes.



Gabrielé D., 10 anos.



Astijus P., 9 anos.

Reino Unido

Coração de Midlothian

Jock d'Dumbiedykes ouve o conselho de seu pai...

*«Jock, quando não tiveres nada pra fazer, podes sempre plantar uma árvore;
ela vai estar a crescer, Jock, quando tu estiveres a dormir.»*

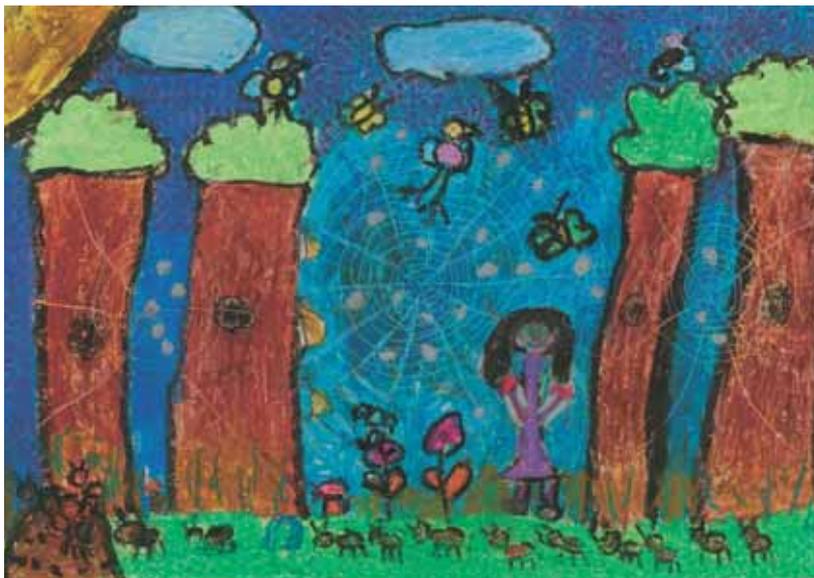
Excerto de «Coração de Midlothian»,
um dos «Romances de Waverley» (1818),
de Sir Walter Scott



Daniel T., 9 anos.



Sandra C., 9 anos.



Karolina D., 6 anos.

Índice dos desenhos

A

Ágnes F., 10 anos, Hungria, página 29
Aida S., 7 anos, Lituânia, página 43
Aleksas S., 9 anos, Lituânia, página 13
Amanda M., 10 anos, Lituânia, página 31
Ana G., 2 anos, Espanha, página 39
Ana S., 10 anos, Espanha, página 57
Arianna G., 9 anos, Itália, página 7
Astijus P., 9 anos, Lituânia, página 59

B

Botond S., 9 anos, Hungria, página 7

C

Cintia S., 9 anos, Hungria, página 55

D

Damian T., 7 anos, Polónia, página 4
Daniel T., 9 anos, Espanha, página 61
Dimas S., 8 anos, Países Baixos, página 37
Dominika P., 9 anos, Polónia, página 33

E

Elena G., 8 anos, Hungria, página 29
Emilija P., 8 anos, Lituânia, página 11
Eszter M., 9 anos, Hungria, página 37
Eva G., 8 anos, Lituânia, página 9

F

Fanni V., 8 anos, Hungria, página 15
Fina E., 9 anos, Espanha, página 23
Françasca M., 4 anos, Itália, página 21
Franciska M., 1 ano, Hungria, cover IV

G

Gabriel D., 10 anos, Lituânia, página 59
Godá D., 8 anos, Lituânia, página 41
Gustê R., 7 anos, Lituânia, página 15

H

Hanien W., 6 anos, Malta, página 35
Hernán G., 7 anos, Espanha, página 3

I

Iacob C., 10 anos, Roménia, página 27
Ilham T., 10 anos, Itália, página 19
Ilona W., 7 anos, Polónia, página 33

J

Jakub Roszak, 7 anos, Polónia, cover I and página 1
Jan Z., 9 anos, Polónia, página 47
José F., 8 anos, Portugal, página 19
Julija J., 6 anos, Lituânia, página 53

K

Karolina D., 6 anos, Polónia, página 62

L

Levente S., 6 anos, Hungria, página 39
Liliana N., 10 anos, Roménia, página 27
Lóránt P., 8 anos, Hungria, página 49

M

Maciej S., 3 anos, Polónia, página 25
Maria M., 7 anos, Portugal, página 35
Mariana C., 7 anos, Espanha, página 11
Maria S., 8 anos, Portugal, página 17
Márta S., 7 anos, Hungria, página 49
Martina P., 8 anos, Malta, página 41
Mía I. G., 7 anos, Espanha/ Hungria, página 64
Mila M., 6 anos, Lituânia, página 51

N

Natalia F., 6 anos, Polónia, página 21
Natalia K., 6 anos, Polónia, página 45
Natalia V., 9 anos, Espanha, página 9
Natalka D., 7 anos, Polónia, página 43

R

Rasa O., 7 anos, Letónia, página 57
Richardas P., 6 anos, Lituânia, página 55
Rui V., 7 anos, Portugal, página 23
Rusnė M., 7 anos, Lituânia, página 15

S

Sandra C., 9 anos, Espanha, página 61
Skaistė D., 6 anos, Lituânia, página 53

U

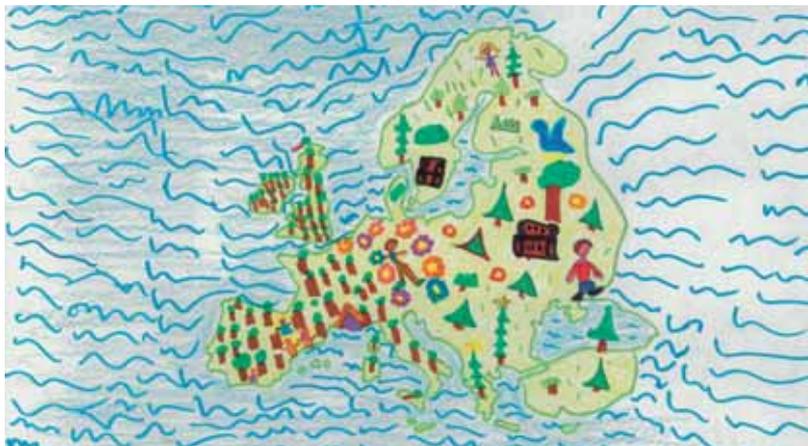
Ugnė M., 6 anos, Lituânia, página 31
Ūla I., 10 anos, Lituânia, página 13

V

Veronika P., 9 anos, Hungria, página 45
Viktória P., 8 anos, Eslováquia, página 11
Violetta B., 8 anos, Hungria, página 25

W

Wiktorja J., 6 anos, Polónia, página 47



Mía I. G., 7 anos.

Florestas da União Europeia — Estatísticas

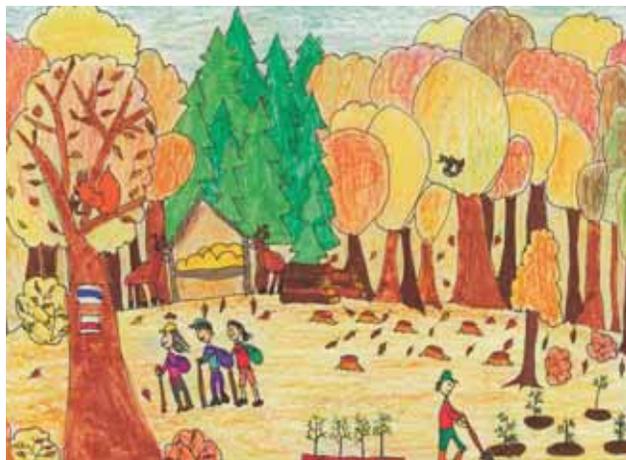
As florestas e outras superfícies arborizadas da União Europeia cobrem cerca de 180 milhões de hectares, ou seja, mais de 40% da superfície emersa do planeta. Em média, nas últimas décadas e em termos gerais, abateram-se apenas dois terços do crescimento anual, o que significa que a quantidade de madeira das florestas tem crescido significativamente.

A União Europeia contém atualmente 5% das florestas do mundo, e as nossas florestas têm vindo a expandir-se permanentemente nos últimos 60 anos. Esta situação contrasta com a situação mundial, em que a superfície florestal continua a diminuir, exercendo impacto negativo no clima e na biodiversidade.

Os países da União Europeia com maiores proporções de área arborizada são a Finlândia e a Suécia, nos quais aproximadamente três quartos da superfície emersa estão cobertos de floresta e outras superfícies arborizadas. A Estónia e a Letónia registam superfícies arborizadas relativamente elevadas per capita. Os países com menor densidade de arborização são Malta, os Países Baixos, a Irlanda e o Reino Unido.

Para mais informações e estatísticas, ver: www.ec.europa.eu/agriculture/forest/statistics.

Em todas as culturas europeias há uma relação simbólica entre a vida das árvores e a do ser humano. Esta antologia apresenta uma visão nova sobre essa relação, através de poesia e prosa de todos os Estados-Membros da União Europeia. Os textos são ilustrados por desenhos infantis que lhes conferem perspetivas únicas e coloridas, reveladoras da forma como as crianças veem a floresta e sobre o que esperam de nós.



Franciska M., 1 ano.